

## **O papel do sítio Arqueológico do Macurany para a compreensão da formação social de Parintins (AM)**

Aline Santarem Martins<sup>1</sup>  
Tatiana da Rocha Barbosa<sup>2</sup>

**RESUMO:** Para começar a entender o papel do patrimônio arqueológico na nossa história é preciso conhecer a sabedoria tradicional dos povos originários da Amazônia. Partindo dessa perspectiva o presente trabalho objetivou destacar a relevância do sítio arqueológico do Macurany para a compreensão da formação social de Parintins. Para tanto, procurou-se identificar as características do sítio arqueológico do Macurany, verificar a relação do Estado com a arqueologia da cidade de Parintins e evidenciar a relação dos moradores que habitam no sítio arqueológico do Macurany com a arqueologia do lugar. Com o intuito de alcançar os objetivos, metodologicamente adotamos como procedimentos a realização de entrevistas com as famílias que moram nas redondezas da área de estudo à respeito do tema. Quanto aos resultados, ficou comprovado que os moradores tinham uma visão antes e depois de conhecerem sobre a temática, isto está ligado à participação ativa dos moradores nas ações de pesquisa acadêmicas. Entre as principais considerações, acredita-se que a educação patrimonial é a chave para começarmos a reescrever nossa história com base no período pré-colonial já que muitas vezes desconhecemos nossas raízes.

**Palavras-chave:** Geografia Humana da Amazônia. Povos Originários. Sítio Macurany.

### **1.INTRODUÇÃO**

Há mais de 10.000 anos, viviam na Amazônia populações de milhares povos tradicionais com saberes e modos de vida essenciais para a floresta, esses povos desenvolveram alterações nas paisagens e até mesmo no solo da região, que podem ser vistos na presença maciça de plantas domesticadas em um determinado local e nas ditas terras pretas antropogênicas popularmente conhecidas como terra preta de índio (TPI). A Arqueologia da Amazônia contribui para o entendimento da história antiga da região, nessa perspectiva pode-se compreender os costumes e tradições presentes na cultura material e imaterial dos povos tradicionais da região.

O desenvolvimento da pesquisa foi conduzido por bases dialéticas e metodologicamente adotamos instrumentos para realizar análises qualitativas. Para o levantamento dos dados recorreu-se a fontes primárias através de entrevistas aplicadas aos moradores da comunidade do Macurany. As perguntas estavam relacionadas ao tema e suas vivências com o sítio

arqueológico, na forma de uma conversa informal. Os moradores ficaram à vontade para dialogar. Ao todo, trabalhou-se com 05 (cinco) famílias da comunidade Macurany.

Uma das famílias entrevistadas mora próxima à área de estudo e outras um pouco distante, os nomes usados neste trabalho são fictícios e as falas neste trabalho destacadas, são as que nos conduziam para o alcance do objetivo geral da pesquisa.

Dentre os principais referenciais teóricos para a construção do conhecimento desta pesquisa o livro *Arqueologia da Amazônia* de Eduardo Góes Neves foi o mais utilizado. Neste livro o autor discorre sobre os vestígios que podem ser encontrados na Amazônia. Outro texto utilizado foi *Arqueologia e suas aplicações na Amazônia* de Anny Rapp. Para verificar a relação dos moradores e do Estado com os vestígios arqueológicos da área de estudo, explorei a tese *Entre cacos e flores: apropriações, usos e significados dos vestígios arqueológicos pelos moradores do sítio Macurany, Parintins, Amazonas* de Clarice Bianhezzi, a Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961 que conforme título dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, o artigo de Rogério Haesbaert que visa criticamente o ordenamento territorial que facilita a compreensão dos conflitos de interesse presentes no sítio arqueológico Macurany.

O sítio arqueológico Macurany fica localizado na zona rural da cidade de Parintins, em uma comunidade de mesmo nome, nele podemos encontrar vestígios arqueológicos como as terras antropogênicas, os fragmentos cerâmicos com tamanhos e formas moldadas diversificadas que possivelmente eram vasilhames utilizados para guardar os alimentos alguns desses fragmentos possuem detalhes com grafismo, a presença densa das árvores de castanha e valas à beira do Lago Parananema da comunidade. Quando o projeto iniciou, houve a constatação de que era importante entender o valor que os artefatos despertavam nos moradores, entre os principais resultados da pesquisa foi esclarecido que os moradores conhecem a veracidade do patrimônio arqueológico da comunidade, isso fortaleceu a causa em sua defesa e estimulou a passagem do conhecimento para outras pessoas.

Desta forma dividir este estudo em três partes entre os tópicos: 2. A arqueologia: saberes dos povos antigos da Amazônia; 3. História de Parintins: uma variedade de sítios arqueológicos; 4. Conflitos de interesse no ordenamento territorial do sítio Macurany. A primeira parte apresenta a importância de compreender a arqueologia da Amazônia e os saberes dos povos indígenas deixando claro os elementos pretéritos que podem ser analisados como prova que esses povos viveram na Amazônia os chamados vestígios arqueológicos.

Na segunda parte desenvolveu-se a história de Parintins ressaltando a variedade de sítios arqueológicos presentes no município e trazendo a relação dos moradores da comunidade Macurany com os vestígios arqueológico da área de estudo desta pesquisa.

A terceira parte envolve os conflitos de interesses no ordenamento territorial do Sítio Macurany descrevendo fatos que ocorreram na comunidade abarcando a relevância do conhecimento sobre educação patrimonial.

Assim sendo, para a compreensão da Arqueologia da Amazônia o próximo tópico aborda brevemente sobre o conceito e discorre sobre as contribuições dos povos tradicionais na região amazônica.

## **2.A ARQUEOLOGIA: SABERES DOS POVOS ANTIGOS DA AMAZONIA**

Em definição, “a Arqueologia é uma ciência social que tem por objetivo compreender as sociedades humanas desde as suas origens até os dias atuais, essa palavra vem do grego e significa estudo do antigo (arqueo=antigo; logos=estudo.)”. Py-DANIEL (*et al*, p. 05, 2017). Estudá-la é relevante para entendermos nossas bases culturais. JOHNSON (2000, p.18) reforça que “o conhecimento do passado favorece uma melhor compreensão do futuro”.

Há vários ramos da arqueologia, no entanto, o foco desta pesquisa está sujeito ao ramo que se dedica a gerar interpretações do que aconteceu no passado através dos vestígios arqueológicos que se encontram no presente. Os vestígios são as provas de que uma sociedade antiga viveu em um determinado local cuja configuração do espaço no presente é diferente. Sobre a ocupação da Amazônia Py-DANIEL (*et al*, p. 51, 2017) deduz duas informações importantes:

primeiro, a ocupação da Amazônia é muito antiga e as populações que viviam aqui tiveram muito tempo para conhecer a região; segundo, foram ocupados locais muito distantes, e isso significa que deviam coexistir vários grupos humanos na Amazônia.

Desse modo, a partir desses locais que foram ocupados pode-se analisar e ter melhor compreensão da identidade e história dos povos antigos através dos vestígios arqueológicos que geralmente são encontrados em porções variadas; as cores, tamanhos, tipos de materiais e acabamentos são quesitos significativos para a inspeção. Conforme Py-DANIEL (*et al*, p. 11, 2017) denomina:

os vestígios de atividades humanas quase sempre são objetos ou fragmentos de objetos que foram descartados, abandonados ou jogados no lixo, também tem-se estruturas maiores como moradias, outras marcas que podem ser deixadas são alterações na paisagem ou alterações na vegetação como o plantio de árvores ou até o próprio solo como as terras pretas de índio e também os vestígios de restos humanos

Somente a partir dos aspectos e características desses vestígios pode-se ter uma leitura melhor do lugar em que vivemos. Carlos (*et al*, 1999, p.165) O lugar foi, inicialmente o espaço dos antigos “gêneros de vida” a especificidade e a singularidade desses gêneros. “Antigos ‘sistemas’ codificavam e regulamentavam a alimentação, o vestuário, a moradia e o mobiliário.

A Amazônia é um lugar com histórias para serem desvendadas, sabe-se que no passado havia muitos povos nessas regiões, principalmente próximo aos rios pois facilitava a produção dos meios de subsistência. A sociedade antiga era organizada e tinha instrumentos para caça e uso coletivo, estudos comprovam que esses povos viviam de uma economia de troca e viajavam para locais distantes da sua tribo para praticar esse tipo de comercialização.

NEVES (2006, p.78) deixa claro em seu livro *Arqueologia da Amazônia* que “as ocupações humanas foram mediadas por um profundo conhecimento das condições ecológicas [...] talvez o desafio seja justamente este: conhecer a Amazônia a partir dos parâmetros culturais e ecológicos, para que esse patrimônio não se perca para sempre”.

Sobre a dinâmica social e econômica Py-DANIEL (*et al*, p. 51, 2017) reforça que:

esses ocupantes mais antigos são os ancestrais das populações indígenas atuais. Ao contrário do que se pensou até recentemente, essas populações nunca viveram completamente isoladas, sem nenhum contato com outros grupos humanos. Segundo estudos de Arqueologia, percebemos que as sociedades formadas na Amazônia tinham contato umas com as outras. Havia interação social através de redes de comércio, intercâmbio de matérias-primas, de pessoas, casamentos, trocas e serviços, conhecimentos rituais, guerras etc.

Quanto a paisagem amazônica sabe-se que “há várias modificações, como manipulação e plantio de árvores frutíferas, construção e canais para irrigação, valas defensivas, entre outras” Py-DANIEL (*et al*, p. 18, 2017). Existem variados tipos de sítios arqueológicos com diversos vestígios para serem investigados, no entanto, é válido ressaltar que esta pesquisa exige um olhar geográfico em prol da história que a arqueologia pode nos proporcionar. Contudo, carece compreender quais as práticas e ensinamentos que esses povos nos deixaram de herança cultural e a relação que a sociedade tem com os vestígios arqueológicos.

NEVES (2006, p.10) afirma que:

“é impossível entender aspectos da história natural da Amazônia sem considerar a influência das populações humanas, do mesmo modo que não se pode entender a história dos povos amazônicos sem considerar também as relações que esses povos estabeleceram com a natureza”.

Em decorrência dessas bases teóricas, destaca-se os principais elementos arqueológicos presentes na Amazônia mencionando as características e importância de cada um, enfatizando os estudos de Eduardo Góes Neves, um dos principais pesquisadores atuantes na Amazônia.

## **2.1. Vestígios Arqueológicos na Amazônia**

NEVES (2006, p.10) menciona que a arqueologia da Amazônia é, antes de tudo, uma espécie de História Antiga dos povos indígenas da região. E salienta que a Amazônia é ocupada há mais de 10.000 anos, em alguns casos por populações de milhares de pessoas. É de se esperar, portanto, que a floresta que hoje recobre muitos sítios arqueológicos tenha, além de uma história natural, também uma história cultural.

A história antiga que os sítios arqueológicos concedem, tem muito a nos ensinar pois os povos antigos em sua cultura valorizavam a floresta e levavam consigo o hábito do manejo. De fato, NEVES (2006, p. 32), menciona que:

Há um grande debate sobre a antiguidade do início desse processo, mas é provável que os colonizadores iniciais - que tinham seu modo de vida organizado em torno de caça, pesca e coleta - já praticassem algum tipo de manejo de plantas, conforme dados obtidos na Amazônia Equatorial.

Deste modo pode-se ter uma análise da história através da prática do cultivo das plantas domesticadas, a domesticação de plantas é uma evidência arqueológica. NEVES (2006, p. 39) descreve que “é o processo pelo qual características de plantas selvagens são intencionalmente modificadas até o surgimento de novas espécies, algumas perdem a capacidade de se reproduzir naturalmente”.

A domesticação de plantas foi uma prática comum no modo de vida dos povos antigos e por estudos comprovados tem-se vestígios paleobotânicos presentes no estado de Rondônia “indicando a ocorrência, de espécies selvagens que tenham parentescos com as espécies

domesticadas [...] exemplos importantes de plantas cultivadas nessa região: a mandioca e a pupunha” (NEVES, 2006, p.35).

Outro elemento que nos permite analisar tempos pretéritos são as cerâmicas. NEVES (2006, p. 42) destaca que as cerâmicas são ‘uma característica notável das ocupações humanas iniciais na Amazônia’. As cerâmicas têm particularidades de cada povo, entrando em consenso esses vestígios são mais fáceis de serem encontrados pois são numerosos Py-DANIEL (*et al*, p. 12, 2017) explica que:

“Na Amazônia, as cerâmicas, são o tipo de vestígio mais comum. Esses recipientes de cerâmica mesmo quebrados, fornecem inúmeras informações. A maneira como eram feitos, suas formas, volume, decoração e marcas de uso nos informam a finalidade para que eram feitos e usados. Outros recipientes eram usados para fins rituais as vasilhas são, portanto, uma fonte para entendermos o que determinada cultura julgava importante representar e a forma mais apreciada fazê-lo. Em alguns casos, podemos encontrar uma ou duas vasilhas muito diferentes entre várias parecidas, e isso pode indicar que foram feitas por outros povos e que existia um sistema de troca entre diferentes regiões.”

Outro material a ser investigado são os sambaquis. Segundo GASPAR (2000) a palavra Sambaqui deriva da língua Tupi *Tamba* significa conchas e *ki* amontoado que são características marcantes desse tipo de sítio, NEVES (2006, p.43) acredita que as áreas de “sambaquis fossem locais de moradia, mas também funcionavam como cemitérios” ambos artefatos, cerâmicas e sambaquis, trazem para a arqueologia o argumento que propõe que “tradicionalmente, arqueólogos associam o início da produção cerâmica ao desenvolvimento da agricultura, trabalhando com a premissa de que essa tecnologia- ligada à produção de vasos para armazenamento e cocção-permite o processamento efetivo de alimentos.” (NEVES, 2006, p. 47).

Além destes elementos supracitados, NEVES (2006, p.52) cita “as terras pretas que talvez sejam o melhor indicador de que os ambientes amazônicos foram modificados pelas populações indígenas que ocupavam a região antes da conquista”. Essa coleção de artefatos que podem ser explanados na arqueologia da Amazônia, são heranças de uma cultura de um povo organizado, tendo em mente o tempo arqueológico eles manuseavam efetivamente os meios de subsistência para o sustento. A história dos povos originários da Amazônia é ignorada por muitos, deveria ser contrário, valorizar, pois, nós tínhamos muito a aprender com eles principalmente em questão do uso e sustentabilidade da floresta.

O município de Parintins (AM) conhecido pelo Festival Folclórico dos bois bumbás Garantido e Caprichoso, tem em sua extensão territorial uma variedade de sítios arqueológicos, os mais conhecidos são os que ficam em torno do Lago da Valéria, entre eles o sítio Santa Rita e o Sítio São Paulo de Parintins<sup>1</sup> que ficam, aproximadamente à 36,5 km de distância, da cidade de Parintins. Os vestígios arqueológicos destes sítios são parte do atrativo turístico ao longo da temporada dos Transatlânticos que circulam pelo rio Amazonas entre os meses de agosto a março, em função dos vestígios arqueológicos encontrados no local e, também, em detrimento das coleções domésticas de cerâmica arqueológica que os moradores, de ambas as localidades, são portadores<sup>2</sup>.

Os demais sítios arqueológicos do município de Parintins são pouco conhecidos para a população. Mas, por quê? Talvez os moradores da cidade nem saibam da existência e valor desses lugares, ou quem sabe, por ausência de conhecimento sobre a história pré-colonial da região amazônica e seu papel para o entendimento da base cultural da cidade de Parintins.

### **3. HISTÓRIA DE PARINTINS: UMA VARIEDADE DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS**

De acordo com a base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre os aspectos físicos e geográficos do município de Parintins, atualmente a cidade está situada na 9º Sub -Região-Região do Baixo Amazonas do Brasil, o município possui limites territoriais com o estado do Pará e os municípios de Barreirinha, Urucurituba e Nhamundá, tem uma área territorial de 5.956.047 Km<sup>2</sup>, seus principais canais hídricos são decorrentes dos Rios Amazonas, Uaicurapá, Mamuru, Tracajá, Paraná do Limão e Paraná do Ramos. O clima prevalece ao da região Norte- Quente e Úmido com uma temperatura média de 35°C.

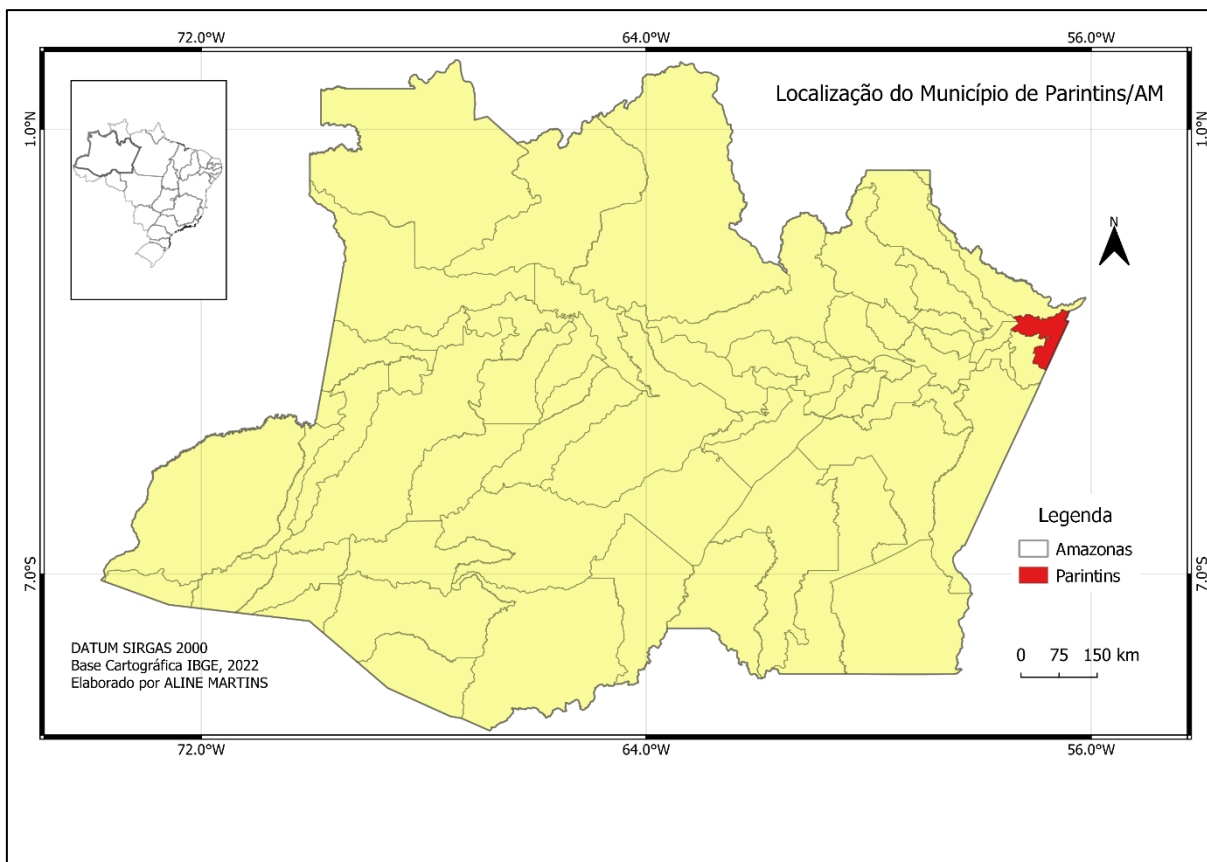
Em referência dos aspectos populacionais, conforme o último censo de 2022 o município de Parintins possui uma população de 96.372 pessoas, sendo que a densidade demográfica equivale à 16,18 habitante por quilômetro quadrado. (Mapa 01)

---

<sup>1</sup> Conforme localização e informações disponíveis no Mapa Arqueológico de Parintins – MapArqPin, acesso [www.gepia.com.br](http://www.gepia.com.br)

<sup>2</sup> Conforme publicação: Bianchezzi, C.; Santos, Adriano Márcio dos; Bassi, Filippo Stampanoni; Lima, Helena Pinto; Machado, Michel Carvalho; Cruz, Alef Fernandes; Batista Filho, Arnoud de Oliveira; Paiva, Maurício de. **Fragmentos**: arqueologia, memórias e histórias de Parintins. Parintins, AM: Eskenazi Gráfica, 2021.

## Mapa 01- Localização do município de Parintins-Am



**Fonte:** Base Cartográfica IBGE, 2022.

**Organizador:** Aline Martins, 2022

A cidade de Parintins foi habitada por povos indígenas conhecidos popularmente como Tupinambás, durante um tempo a região amazônica foi explorada pelos europeus, até que em uma dessas viagens de exploração chegou e fixou-se na ilha o Capitão José Pedro Cordovil. Souza (2013, p.31) é nesse momento que se inicia o processo de produção de Parintins enquanto cidade. Mas apesar da tese de Souza (2013, p.31) dizer que Cordovil nomeou a Ilha de Tupinambarana, deve-se considerar que muitos viajantes chegaram até aqui como Diogo Nunes, Carvajal em 1530 a 1630, e eles relatam sobre a Ilha Grande dos Tupinambás ser densamente ocupada. Antônio Porro (1992, p.156) destaca que as notícias sobre o Médio Amazonas são muito vagas, e poucos cronistas que fizeram referência aos Tupinambá durante o século XVI o que dificulta compreender melhor sobre a presença dos mesmos na área denominada Ilha Grande dos Tupinambás.

O município de Parintins foi renomeado constantemente ao longo do seu processo histórico de produção e ocupação do espaço, conforme Souza (2013, p.32) destaca,

primeiramente chamou-se Tupinambarana, depois Vila Nova da Rainha, mais tarde voltou novamente a Tupinambarana, Vila Bela da Imperatriz e por último, quando elevado à comarca de cidade, passou a chama-se Parintins.

A partir da década de 1960, Souza (2013) destaca que houve vários fatores contribuíram para a formação e consolidação da cidade. Entre eles destacam-se os períodos econômicos que impulsionaram o crescimento da cidade: o primeiro se refere a “indústria extrativa”, o segundo período econômico é o do cacau, outro período da economia parintinense é o da pecuária, em 1930 o município inicia a produção do óleo essencial de pau-rosa, ainda teve o período do cultivo da Juta que era um projeto da colonização japonesa.

Esses períodos econômicos foram relevantes para o a cidade de Parintins, pois conforme o desenvolvimento econômico se inseria no município, o espaço da cidade se modificava nos aspectos de estrutura, crescimento populacional e de produção.

A partir dessa história resumidamente contada nota-se que as sociedades indígenas mantiveram resistência em relação a chegada dos portugueses, pois apesar destes fatos, alguns locais carregam nomes originados da língua indígena, porém com o regime escravocrata que a colônia portuguesa adotava a sociedade indígena houve redução demográfica desses povos ao longo dos tempos.

A influência dos povos indígenas é enraizada na cidade de Parintins para além do festival folclórico dos bois bumbás Garantido e Caprichoso, que representa muitas práticas das culturas indígenas nas apresentações feitas no Bumbódromo, os sítios arqueológicos são locais de vestígios materiais que abrigam e demonstram a História de longa duração, como informações de uma ampla diversidade de grupos, etnias na formação histórico-social de Parintins.

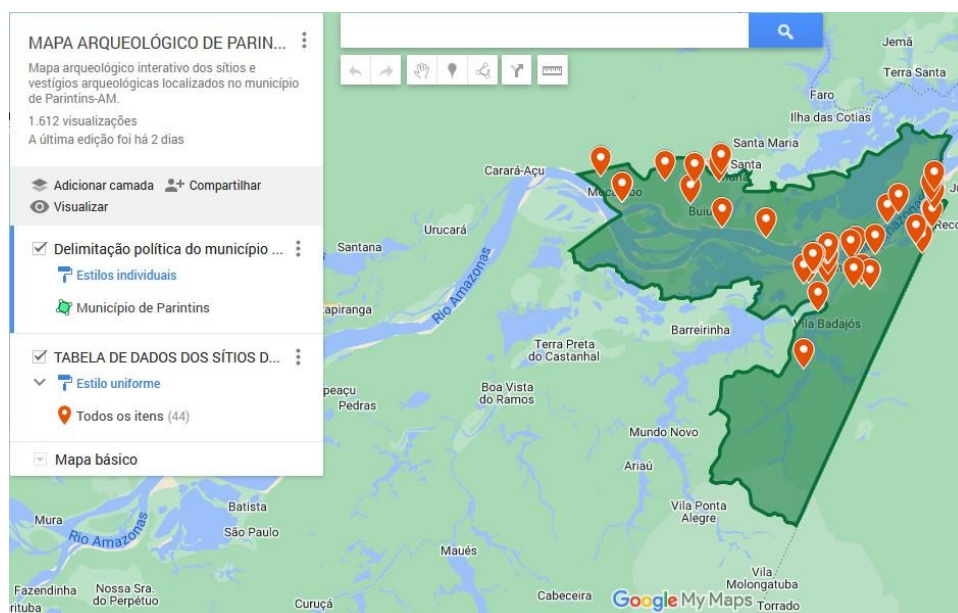
O município de Parintins tem muitos sítios arqueológicos para serem pesquisados. Até o momento, a região da Valéria é a mais conhecida e chama atenção dos turistas por conta das coleções de cerâmicas arqueológicas. Todavia, existem inúmeros outros sítios arqueológicos, já registrados por meio de publicações acadêmicas, relatórios de pesquisa e relatos de moradores, que partir de 2022, estão acessíveis para visualização de sua localização por meio de um Mapa Arqueológico de Parintins – MapArqPin, elaborado por Arnould de Oliveira Batista Filho (2022).

Batista Filho (2021), destaca que *MapArqPin* é um registro sistematizado das informações sobre os sítios arqueológicos no município de Parintins-AM, até então

catalogados, que contribui na divulgação, valorização e conhecimento do patrimônio arqueológico parintinense. (Figura 01).

Em síntese, a elaboração do Mapa Arqueológico de Parintins, se utilizou do recurso do google, o *MY MAPS*, como um projeto de Iniciação Científica (PAIC/UEA) ao longo um ano de trabalho e pesquisa. Sua criação teve o objetivo, segundo Batista Filho (2021) de produzir um material com informações interativas acerca da presença e localização dos sítios arqueológicos já identificados em Parintins que também pudesse ser usado desde a educação básica ao ensino superior, com possibilidade de multidisciplinaridade em sala de aula.

**Figura 01:** Mapa Arqueológico de Parintins (MapArqPin)



**Fonte:** [www.gepia.com.br](http://www.gepia.com.br)

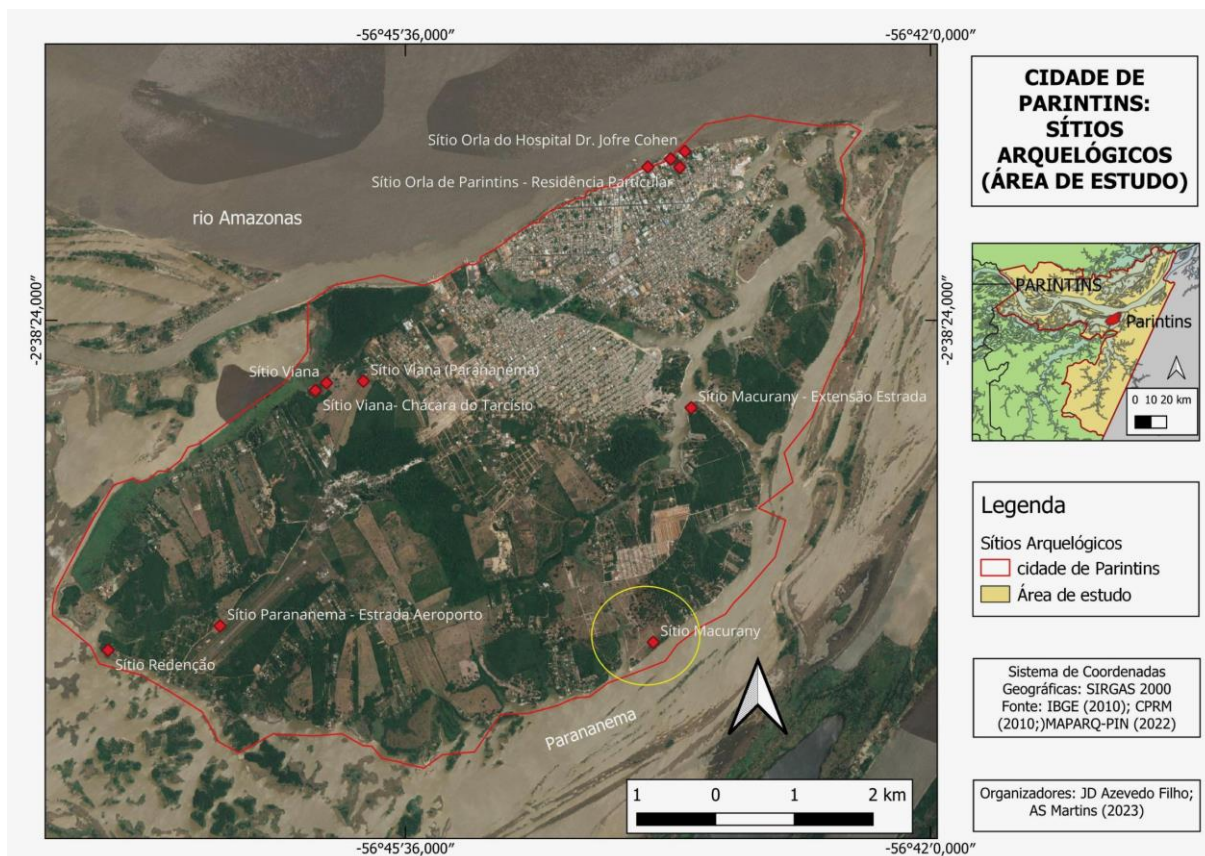
**Organizador:** Batista Filho, 2021.

Os dados apresentados pelo MapArqPin nos apresentam 44 sítios arqueológicos georreferenciados no município de Parintins. Alguns destes sítios estão localizados nas proximidades de comunidades rurais, no entorno dos lagos e de rios. Os sítios arqueológicos também se encontram na área urbana da cidade de Parintins, na Orla da cidade e na área suburbana, conforme é possível observar na Figura 01.

Para essa pesquisa a área de interesse é o sítio arqueológico Macurany que se situa na comunidade Macurany, as margens do Lago Parananema, na área rural da cidade de Parintins. Bianchezzi (2022) destaca que a comunidade rural do Macurany fica ao sul da cidade de

Parintins, no estado do Amazonas, distante aproximadamente, 8km da área central do município. Pode-se chegar ao local por via terrestre ou por via fluvial. (Mapa 02)

**Mapa 02:** Localização da Área de Estudo – Sítio Macurany



**Fonte:** IBGE, 2010; CPRM, 2010; MAPARQPIN, 2022

**Organizadores:** João Danúzio Azevedo Filho; Aline Martins, 2023

Os vestígios arqueológicos que podem ser encontrados no sítio Macurany dentre eles a Terra Preta Antropogênica<sup>3</sup>, as castanheiras, as cerâmicas arqueológicas e as valas arqueológicas<sup>4</sup> que ficam à beira do Lago Paranema, indicando marcas de que povos antigos viviam ali antes da “conquista”. Esses vestígios tem sido objetos de estudo dos acadêmicos que

<sup>3</sup> Py-DANIEL ( et al, p.15, 2017) evidencia que um dos vestígios mais comuns na Amazônia é a Terra Preta Antropogênica (TPA), também conhecida como Terra Preta ou Terra Preta de Índio (TPI). Conforme TEXEIRA (2008) a origem causou muitos debates, mas apesar das diferentes hipóteses é comprovado que sua origem é antrópica, esses solos são superficiais escuros e férteis e as cores dos horizontes superficiais são devidas a elevada concentração de algumas formas aromáticas de carbono.

<sup>4</sup>Ellis (et al, 2023, p. 14) através da análise geoespacial refere-se as valas arqueológicas chamando-as de cais (porto de acesso) ela define que os cais são resultados de atividades humanas e teriam sido feitos à mão como elementos da estrutura paisagística construídos no lago e proporcionariam aos habitantes acesso a recursos aquáticos e rotas de comunicação e comércio.

conforme os moradores vez ou outra os procuram para dialogar e também não deixa de ser uma curiosidade dos próprios moradores o fato da presença de um sítio arqueológico na comunidade como relatou a dona Cecília em uma das entrevistas executadas para compor esta pesquisa “esse vestígio que dizem né é uma coisa que a gente fica admirado de ver né, eu dessa idade que eu tou se eu ver mais coisa mais admirada eu vou ficar por que eu nunca soube, ninguém sabia disso né.” (*sic*) (Cecília, Macurany, 2023)

Wagley (1957, p.43) compreende que “nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo, e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura.” Assim dizendo, quando as pessoas conhecem a veracidade sobre o patrimônio, fortalece a causa em sua defesa e estimula a passagem do conhecimento para outras pessoas.

### **3.1 Sítio Macurany: relação da comunidade com os vestígios arqueológicos**

Sobre a comunidade Macurany, Souza (2020) analisou algumas obras e interpretações sobre a história da região, comunidades ribeirinhas e indígenas. Entre as interpretações consta que a comunidade é de origem indígena e em função de haver presença de vestígios arqueológicos vistos nos arredores da comunidade. Um dos vestígios predominantes na paisagem são as castanheiras<sup>5</sup> que estão diretamente ligadas aos benefícios de aspectos econômicos na vida dos moradores.

Dadas as informações sobre as características e aspectos do Sítio Macurany, conforme a tabela de dados do MapArqPin, o sítio arqueológico é do período pré-colonial e seus principais vestígios encontrados são Terra Preta de Índio (Terra Preta Antropogênica), vestígios cerâmicos, palmeiras e castanheiras, sua localização no gps -2.676789, -56.73168. O sítio está localizado a céu aberto as margens do Paranema é utilizado pela população local e possui áreas para pastagem.

O sítio apresenta um pacote espesso de Terra Preta com fortes indicativos de grande extensão apontando para uma ocupação de longa duração por toda a planície em acompanhamento do Lago Paranema (MAPA ARQUEOLÓGICO DE PARINTINS, 2022). Florêncio (*et al.* 2015, p.13) “Patrimônio é memória que não apenas transmuta um passado,

---

<sup>5</sup>Sobre as castanheiras serem um vestígio arqueológico Magalhães (2013, p. 187-191) explica que a presença maciça de árvores frutíferas compreende a evolução cultural de antigas populações nativas, as quais desenvolveram por meio de agentes que dominavam práticas e técnicas de manejo e cultivo de plantas. Foram essas práticas antrópicas que alteraram grandes extensões de florestas na Amazônia.

mas constrói um presente, que se atualiza constantemente com as identidades e as interpretações da cidade, e ante as ações daqueles que vivem e convivem na sociedade.

Entre resquícios dos antigos povos que viviam naquele lugar, encontra-se atualmente os moradores da comunidade Macurany que convivem em meio Terra Preta Antropogênica, castanheiras entre outros. É interessante destacar que os vestígios também são presentes no modo de viver dos habitantes, que nos revelam o quão significativo é para eles o sítio arqueológico. Estes moradores retratam que antes de conhecerem o termo e a própria arqueologia em si, pouco ou nenhum significado os vestígios possuíam para os moradores.

A mudança de visão quanto a estes vestígios e o que de fato representam passou a existir a partir do interesse da comunidade acadêmica em estudar o lugar. Esse fato despertou a curiosidade dos moradores, pois as pesquisas feitas pela comunidade acadêmica envolveram a participação deles. Quanto a isso, seu Chico, em entrevista relatou:

*O sítio arqueológico eu não tinha nada assim depois que vocês passaram a vim foi que comecei a ter uma ideia do que era o arqueológico né porque pra nós um sítio qualquer [...] então um sítio arqueológico eu não tinha assim como aprofundar, era simples, simples, simples (Chico, Macurany, 2023)*

A propósito, antes de conhecerem o termo sítio arqueológico, no cotidiano os moradores mantinham o contato com os vestígios arqueológicos e nos trouxeram relatos de suas memórias de infância. Em suas narrativas, os moradores contam que era comum encontrar fragmentos pelo chão e achavam interessante o formato e gravuras das peças. Alguns viviam da base econômica da coleta dos frutos das castanheiras e outros utilizavam a terra preta para uso nos meios de subsistência, no entanto era como se fosse algo natural.

Essa relação com os vestígios arqueológicos pode ser considerada como herança cultural. Deduzo um breve raciocínio, que em tempos pretéritos os povos antigos organizaram o manejo das castanheiras e fizeram parte da formação da terra preta, atualmente os homens da comunidade souberam incorporar estes vestígios ao seu modo de viver, ou seja, há forte conexão entre passado e presente. Loreiro (2002, p. 03) “o homem da Amazônia procura reconstruir, sem cessar, uma nova identidade e uma nova forma de vida que lhe possibilitem harmonizar uma nova cultura [...]”. Seu Chico relembra um dia em que seu pai e sua mãe acharam um artefato:

*Uma vez meu pai trabalhando fazendo cerca aí ele junto com minha mãe acharam uma caricatura [...] era tipo assim uma caricatura indígena um cocar aí tinha um nariz assim todo o formato aí a gente não tinha assim pegava e aquela era do índio, coisa de índio (Chico, Macurany, 2023)*

A participação dos moradores nas atividades de pesquisa da academia foi o que fortaleceu a relação de pertencimento e valorização ao lugar, pois nesse meio conheceram a importância do patrimônio arqueológico. LOREIRO (2002, p. 07) diz que o homem da Amazônia como sujeito de sua própria história poderá reencontrar ou recriar sua identidade perdida. As atividades de pesquisas foram necessárias para que não houvesse “a falta de esclarecimento sobre a valorização do patrimônio” (Martins, p. 54). Essa relação dos moradores com o sítio arqueológico é a pura construção de respeito com a sua história.

A construção desse vínculo espelha positivamente as novas gerações pois o neto do seu Chico que tem apenas 08 anos já identifica os fragmentos e tem uma coleção doméstica. Seu Chico tem uma relação próxima com o sítio, ele sempre recebe os acadêmicos em sua casa e fala atenciosamente sobre a área, mas ele faz questão de destacar que não deixa de mencionar a quem visita o local: “veja, admire e deixe”. Ao proferir esta fala, ele complementa reforçando que aprendeu com uma professora sobre a importância e valorização do sítio.

Antes dessa entrevista com seu Chico fiz outros campos para registrar as fotografias dos artefatos, ele mostrava as peças e admirava os detalhes mesmo elas estando guardadas com ele há um tempo. Todas as formas e grafismos que estão nessas cerâmicas transpassa o que os autores mencionaram sobre a importância de conhecer pois é a identidade de um povo. (Figura 02 e 03)



**Figura 02:** fragmentos cerâmicos com grafismo. **Foto:** Martins, AS. Maio de 2023.

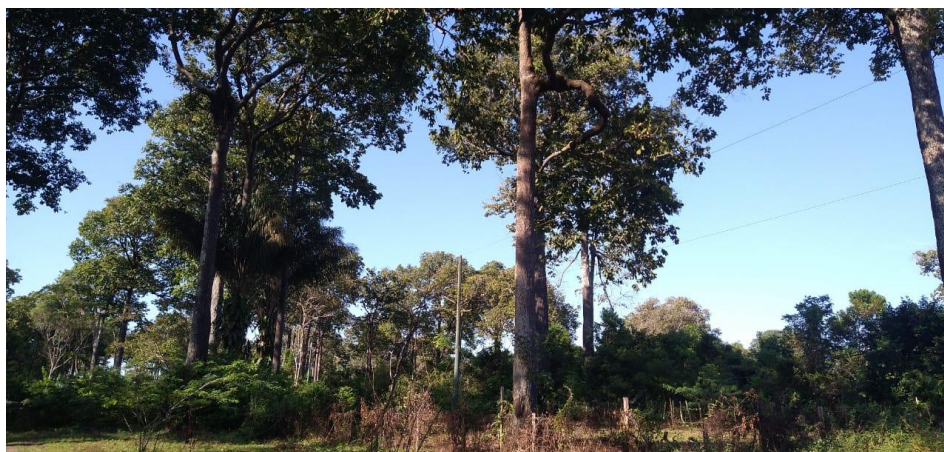


**Figura 03:** fragmento cerâmico de bordas com detalhes arredondados. **Foto:** Martins, AS. Maio de 2023.

Ao conversar com outro morador da comunidade sobre qual seria o significado do sítio arqueológico ele indica primeiramente o sentimento de apego ao lugar e enfatiza que ao ver dele *as castanheiras é a árvore que simboliza a comunidade Macurany porque ela tem essa conexão com o ser humano da Amazônia então [...] esse vestígio é a presença maciça do ancestral índio. (sic)* (Antônio, Macurany, 2023) (Figura 04)

Wagley (1957, p.69) “nessas outras esferas da vida amazônica contemporânea, percebem-se as tradições indígenas”.

**Figura 04:** Castanheiras na paisagem Macurany



**Foto:** Cruz, 2023.

#### 4. CONFLITOS DE INTERESSE NO ORDENAMENTO TERRITORIAL DO SÍTIO MACURANY

Para Haesbaert (2006, 117) entender o conceito de ordenamento territorial implica antes de tudo, ter clareza quanto ao que significa ordem e território. Para o autor, a ordem vem sempre acompanhada da “desordem”, algo que não pode ser combatido porque pode representar a manifestação de uma nova ordem, na organização do espaço. Já o território, para o autor, configura a relação de apropriação e/domínio da sociedade e incorpora como um de seus constituintes fundamentais o movimento, as diferentes formas de mobilidade, ou seja, “um território-rede”.

Pensar os processos de territorialização deve partir da constatação de que o espaço geográfico é moldado ao mesmo tempo por forças econômicas, políticas, culturais ou simbólicas e “naturais. Conforme o autor esse emaranhado de condições e as complexas combinações dificulta a construção das políticas de “ordenamento territorial” que são na verdade, políticas de “des-ordenamento” territorial. (Haesbaert, 2006, p. 120-121)

Diante disto, há diversos conflitos por conta de interesses públicos e privados com relação ao sítio Macurany. Alguns foram resolvidos pelos moradores e outros impostos sem discussões. Segundo informações verbais no primeiro momento houve denúncia vinculada ao processo de derrubada das castanheiras para a construção do conjunto Habitacional Vila Cristina que gerou impactos ambientais, sociais e econômicos. *Ali era um meio de sobreviver também né das castanheiras, mas agora não tem nem pra quem quer, era muita castanheira que tinha aí, hoje a gente olha só ver [...] mal cuidado.* (Cecília, Macurany, 2023)

Dona Cecília, relembra que muitas pessoas na comunidade se beneficiavam com a coleta das castanhas e que hoje percebe a falta de cuidado que acaba prejudicando a comunidade. Uma das consequências citadas por ela, é o esgoto que corre para a cabeceira do lago Paranema. Além da coleta, muitas pessoas também pescavam na comunidade, mas, devido a contaminação pelos afluentes oriundos do conjunto habitacional ficou inviável a continuidade dessas atividades.

Outro acontecimento discutido pelos moradores foi o fato da possível instalação de uma lixeira, ressalto que um dos argumentos usados para impedir a implementação foi a existência do sítio arqueológico, pois esta lixeira seria implantada bem próximo ao local que é possível

identificar a concentração de Terra Preta Antropogênica, “os moradores não aceitam, pois se é um sítio arqueológico porque uma lixeira! (Zé, Macurany, 2023).

Segundo as narrativas foi usado trator para revirar a terra e abrir passagem para a lixeira: *a gente foi pra rua fizemo uma barreira aqui fizemo uma barreira lá né e a comunidade em cima pra não deixar fazer essa lixeira lá por causa desse sítio que tem tudo isso aí né (sic)* (Cecília, Macurany, 2023). Nessa ocasião, a comunidade se juntou em defesa do seu patrimônio ambiental e arqueológico.

Noutro momento do texto, destacou-se quanto a importância e relevância do sítio arqueológico que os moradores estavam cientes do que o sítio representava. Mas, é essencial esclarecer que isto não é regra entre os moradores pois, para uma das moradoras os fragmentos arqueológicos não têm muito claro do que se trata, ela até questiona se seria de indígenas. Segundo ela, *lá pro lado de lá achavam, a gente não sabe dizer é dessa parte deles, tinha gente que achava pedaço de ferro, pedaço de prato, por isso perguntam por que Macurany? É indígena, né?”* (Betânia, Macurany, 2023).

Destaca-se que a proteção ao patrimônio arqueológico está amparado na pela Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, expedida pela União (âmbito do estado federal). Esta legislação estabelece que é proibido em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação de jazidas arqueológicas ou pré-históricas sem a devida autorização do estado brasileiro a um profissional de arqueologia<sup>6</sup>. Para viabilizar possíveis estudos com intervenções, escavações arqueológicas a serem realizadas por pesquisadores (arqueólogos) ou por instituições científicas, é preciso previamente solicitar uma permissão e autorização federal junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN, órgão responsável pela fiscalização, proteção e autorizações de pesquisas que envolvam qualquer patrimônio arqueológico no Brasil, de acordo com várias normativas publicados ao longo dos anos no Brasil que se encontram disponível no site <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico/legislacao>.

Com o auxílio das descrições dos moradores percebe-se que o Estado tem outros interesses que não compreendidos pelo IPHAN cujas ações são direcionadas à defesa do patrimônio histórico. Em contraposição à defesa, em alguns momentos o Estado adota ações

---

<sup>6</sup> Importante destacar que a legislação estabelece que somente o arqueólogo é o profissional autorizado a fazer pesquisas que envolvam escavação e remoção de material arqueológico de qualquer sítio no Brasil. Somente este profissional recebe autorização de pesquisa expedida pelo IPHAN, porém o mesmo pode montar uma equipe multidisciplinar de pesquisa sendo que ele é o coordenador e responsável pela condução da mesma, conforme conta na Portaria nº 0007/1988 do IPHAN.

que destoam dos compreendidos pelo IPHAN, porque o Estado age em detrimento de interesses que melhor lhe convém. Não se pode deixar de destacar também, que algumas empresas privadas burlam o sistema e desconsideram a arqueologia contida em alguns lugares.

Citamos como exemplo o conjunto Habitacional Vila Cristina. Conforme Bianchezzi (2022, p. 125) “trata-se do não cumprimento do acompanhamento arqueológico durante obras do referido residencial, que compõe parte do processo registrado no IPHAN com o nº 01490.000036/2009-28”. A partir deste caso em específico, pode-se refletir que apenas os moradores da comunidade Macurany e acadêmicos universitários reconhecem o papel do patrimônio arqueológico.

Os moradores relataram que se houvesse a assistência do Estado, pensariam em um meio de chamar a atenção de outras pessoas para conhecerem o sítio arqueológico explorando seu potencial tanto material como imaterial. O material são os vestígios arqueológicos que para eles é a presença maciça do indígena como já citado e o imaterial são os contos e lendas que aquele lugar carrega.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que a Arqueologia da Amazônia tem a ver com a geografia? Foi a pergunta que me acompanhou durante toda a pesquisa, em meio as preocupações relacionadas ao tema, refleti que era necessário elaborar a discussão porque muitas pessoas não conhecem a história do nosso lugar e por conseguinte, não entendem o porquê de certos costumes tradicionais estarem presentes em nossa cultura. O tema pesquisado também possibilitou compreender o papel que o patrimônio material e imaterial, possuem para que a sociedade compreenda sua história e cultura.

A herança cultural que carregamos conosco são decorrentes das práticas e ensinamentos que os povos antigos da Amazônia nos deixaram. A pesquisa permitiu evidenciar, a partir das descrições dos moradores, que a Educação Patrimonial é primordial, pois ela é a chave do conhecimento sobre nossa história. Ela nos possibilita resgatar nossa identidade.

Desde o início desse artigo busquei informações sobre a arqueologia da Amazônia sempre correlacionando com a Geografia. Esses povos foram ignorados, quantos saberes tradicionais foram perdidos por conta da ignorância dos homens brancos? Estamos

acostumados a nos inferiorizar, sempre admirando culturas externas enquanto podíamos abraçar os conhecimentos e tradições dos nossos povos antigos.

Mas o que se pode fazer no momento para resolver essa problemática é buscar difundir amplamente o conhecimento sobre educação patrimonial, afinal, no decorrer das falas dos moradores, identificamos que a partir do momento que eles absorviam conhecimentos quanto a história do lugar, eles passavam a conferir valor à ele.

Constata-se que o objetivo geral foi atingido por que efetivamente o trabalho conseguiu mostrar que na visão dos moradores o sítio tem valor patrimonial cultural, e além disso observou-se que os moradores convivem com os vestígios arqueológicos de forma respeitosa trazendo para seu modo de vida a herança indígena, no uso da terra preta, na guarda e cuidado com os fragmentos cerâmicos, na coleta das castanhas e repassando conhecimentos aprendidos a partir de comunidades acadêmicas, a partir dessa iniciativa dos moradores que entende-se que para eles o sítio arqueológico tem valor e importância.

## 6.REFERÊNCIAS

BATISTA FILHO, Arnould de Oliveira. **Viajando entre vestígios ancestrais: Mapa Interativo Parintins Arqueológico**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) -Universidade do Estado do Amazonas, Amazonas, 2022.

BATISTA FILHO, Arnould de Oliveira. **Mapa Arqueológico de Parintins**. Gépia: 2022 Disponível em: <http://www.gepia.com.br/> Acesso em: 25 de fevereiro de 2023

Bianchezzi, C.; Santos, Adriano Márcio dos; Bassi, Filippo Stampanoni; Lima, Helena Pinto; Machado, Michel Carvalho; Cruz, Alef Fernandes; Batista Filho, Arnoud de Oliveira; Paiva, Maurício de. **Fragmentos: arqueologia, memórias e histórias de Parintins**. Parintins, AM: Eskenazi Gráfica, 2021.

BIANCHEZZI, Clarice. **Entre cacos e flores: apropriações, usos e significados dos vestígios arqueológicos pelos moradores do sítio Macurany, Parintins, Amazonas**. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia) -Universidade Federal do Pará, Pará, 2022.

BRASIL. Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961. *Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccvil\\_leis/1950-969/L3924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccvil_leis/1950-969/L3924.htm). Acesso em 28 de julho de 2023.

BRASIL/IPHAN. Portaria nº 07, de 1º de dezembro de 1988. *Estabelece os procedimentos necessários à comunicação prévia, às permissões e às autorizações para pesquisas e*

*escavações arqueológicas em sítios arqueológicos.* Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria\\_n\\_007\\_de\\_1\\_de\\_dezembro\\_de\\_1988.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_007_de_1_de_dezembro_de_1988.pdf). Acesso em 28 de julho de 2023.

CARLOS, A. F. A.; DAMIANI, A. L.; OLIVEIRA, A. U. D.; CONTI, José Bueno; ROSS, J. L. S.; COLTRINARI, Lylian; PONTUSCHKA, N. N.; LENCIONI, Sandra; PINTAUDI, S. M. 1999. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

ELLIS, G. M.; RIBEIRO, A. T. B.; CARVALHO, M.; FISHER, C. T.; **A Port by Any Other Name: A Preliminary Spatial Analysis of Ancient Infrastructural Landscapes and Settlement Organization at Macurany, Brazil**. Colorado: Latin American Antiquity, 2023.

FLORÊNCIO, Sônia; FONTAL, Olaia; MARTINS, Clerton; ENRIQUE, Olga; TOLENTINO, Átila; AMARAL, Lilian; CABANZO, Francisco; MONCADA, Leonor; HARTMANN, Libia; PARAIZO, Rodrigo; CHIANCA, Luciana; BARBOSA, Karla; LEITÃO, Cláudia; CAIABRE, Lia; VIEIRA, Jorge; CARSAIADE, Flávio; SCIFONI, Simone. 2015. **Cadernos do Patrimônio Cultural: Educação Patrimonial**; v.1; Fortaleza: Secultfor: IPHAN, 2015.

Gaspar, Madu. 2000. **Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar

HAESBAERT, R. **Ordenamento Territorial**. v.26; Goiânia: Boletim Goiano de Geografia, 2006.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Cidade e Estados – Parintins, 2022**. Disponível em : <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html> Acesso em: 16 mai. 2023.

JOHNSON, Matthew. **Teoria Arqueologica: uma introducción**. 1ª edición. Barcelona: Editora Ariel, 2000.

LOREIRO, Violeta Refkalefsky. 2002. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir**. v.16; São Paulo: Estudos Avançados, may/aug. 2002.

MAGALHÃES, M. P.; **Território cultural e a transformação da floresta em artefato social**. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

MARTINS DE SOUZA, L. C.; LIMA DA SILVA, A. **PERCURSOS E DISPUTAS DE SENTIDOS E DISCURSIVIDADES NA AMAZÔNIA: A COMUNIDADE DO MACURANY (PARINTINS-AM)**. Organon, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1–17, 2021. DOI: 10.22456/2238-8915.103904. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/103904>. Acesso em: 10 jun. 2023.

NEVES, E. G. 2006. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

PORRO, Antonio. História Indígena do alto e médio Rio Amazonas séculos XVI a XVIII. In: CUNHA, M. C. D. C (org). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria de Cultura e FAPESP, 1992.

PY-DANIEL, Anny Rapp; CAMPOS, V. D. S; SHOCK, M. P; MORAES, C. D. P; ARRUDA, L. C. D; BARRETO, Cristiana. 2017. **Arqueologia e suas aplicações na Amazônia**. Belém: Ed. MPEG.

SOUZA, Nilciana Dinelly. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): Evolução e Transformação**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) -Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TEXEIRA, W. G; **Terra Preta de Índio: fatos e mitos dos solos antrópicos da Amazônia**. Manaus: ResearchGate, 2008.

WAGLEY, Charles.1957. **Uma Comunidade Amazônica – estudo do homem nos trópicos**. v.290; São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1957.